



<http://dx.doi.org/10.30681/real.v11i2.3370>

O LIVRO DE ARTISTA NO BRASIL E WLADEMIR DIAS-PINO: O SEQUESTRO DO CONCRETISMO PRODUZIDO EM MATO GROSSO

ISAAC RAMOS (UNEMAT)¹

Resumo: Wlademir Dias-Pino é uma referência literária do movimento intensivista, concretista, sobretudo com os livros *A Ave* e *Solida*, assim como no poema-processo. Este último teve uma parada tática em 1972, no entanto o autor continuou a produzir e participar de eventos de poemas visuais, no Brasil e no exterior. No final de 2008, realizou uma Exposição com milhares de trabalhos denominada “Contrapoemas – Anfipoemas”, juntamente com Regina Pouchain. No ano de 2016, participou da 32ª Bienal de São Paulo e foi o grande nome da Arte Visual, no Brasil, sendo premiado pelo jornal *O Globo*. Dias-Pino é um poeta que permanece com uma atuação de vanguarda.

Palavras-Chave: Wlademir Dias-Pino; Regina Pouchain; intensivismo; concretismo; arte visual.

Abstract: Wlademir Dias-Pino is a literary reference of the intensivist movement, concretista, mainly with the books *Ave* and *Solida*, as well as in the poem-process. The latter had a tactical stop in 1972, however the author continued to produce and participate in events of visual poems in Brazil and abroad. At the end of 2008, she held an exhibition with thousands of works called "Contrapoemas - Anfipoemas", along with Regina Pouchain. In 2016, he participated in the 32nd Biennial of São Paulo and was the great name of Arte Visual in Brazil, being awarded by the newspaper *O Globo*. Dias-Pino is a poet who remains with avant-garde acting.

Keywords: Wlademir Dias-Pino; Regina Pouchain; intensivism; concretism; visual art.

(Trechos do Manifesto do Intensivismo, publicado na revista *SARÃ*)

O intensivismo é Simbolismo duplo. Além da imagem está outro significado poético. (...)O simbolista é um desenhista e o intensivista é um escultor. A escultura é um desenho de todos os lados.

Em pleno século XXI, em tempos de redes sociais e cultura midiática ainda há espaço para falar sobre vanguardas literárias ou se trata de um ex-passo no campo das artes? Segundo Wlademir Dias-Pino, “A vanguarda dura enquanto tem condição de se auto renovar e deixar rastro no tempo que vai avançando dentro da própria história”.

O crítico, poeta e tradutor Haroldo de Campos foi um grande polemista. Um dos seus estudos mais contundentes deriva de uma fala feita na cidade de Salvador (BA), durante um

¹ Doutor em Letras/ Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa pela USP. Professor Adjunto da UNEMAT, campus de Alto Araguaia.



evento, que gerou o livro *O sequestro do barroco na formação da literatura brasileira: o caso Gregório de Matos* (1989; 2011). Parafraseio parte do seu título para a escrita deste artigo.

A história literária mostra que o concretismo é um movimento literário surgido no Brasil, o qual teve como fundadores poetas do grupo paulista *Noigandres* (Haroldo de Campos, Augusto de Campos e Décio Pignatari) e pelo Rio de Janeiro Ferreira Gullar, Wladimir Dias-Pino e Ronaldo Azeredo.

No tocante a Wladimir Dias-Pino, o autor, juntamente com o poeta mato-grossense Silva Freire, fundou o Intensivismo, movimento que precedeu ao Concretismo, no começo da década de 50, em Cuiabá. O manifesto foi publicado nos números 3 e 4 do jornal *SARÃ*. Na década seguinte, Dias-Pino prepararia sua obra inaugural, *A AVE*, primeiro livro de artista publicado no mundo.

Sobre *A Ave*, trata-se da concretização maior da fase intensivista do poeta carioca, que produziu sua trilogia em Mato Grosso. Nesse livro, a partir de seis poemas-matriz, o poeta apresenta versões gráficas utilizando-se dos mais variados procedimentos poéticos, incluindo capa, encadernação, perfurações, transparências, composição, diferentes tipos de papel, cores variadas, recortes, fundura, textura, procedimentos de leitura a partir do processo de memorização e (re)composição fragmentada de uma poética visual, que está em constante experimento.

Wladimir Dias-Pino cria um "alfabeto gráfico" poemático. A origem do livro de artista expande o conceito de livro tradicional. Wladimir parte do poema discursivo e chega a versões gráficas de poemas em constante processo. Esse procedimento evoluirá nas décadas seguintes. Exemplo disso é a exposição *CONTRA POEMAS - ANFIPOEMAS*, na OI Futuro (RJ), de Wladimir Dias-Pino e Regina Pouchain, em 2009. Nessa, desde o hall de entrada, havia uma parede tomada de artes infinitas acerca da letra A (o poeta explora as possibilidades gráficas do alfabeto no seu mais alto grau). No interior, havia cinco salas escuras nas quais eram projetados cinco mil slides, sendo mil em cada sala em um intervalo de tempo de apenas 7 segundos entre um e outro.

Para melhor esclarecimento, os Contrapoemas, eram em número de 3 mil. Tratavam-se de poemas abstratos, sem palavras. Os Anfipoemas, em número de 2 mil, eram poemas geométricos utilizando as palavras matrizes "Luz" e "Cor", em variação. Esse procedimento assemelhava-se, em parte, ao que na Matemática se chama de P.A. (Progressão Aritmética); ou seja, as possibilidades de combinação de um texto poético com as palavras matrizes.



Depois de muitas décadas, pode-se dizer que Wladimir Dias-Pino está em fase final de sua Enciclopédia Visual de 1001 volumes: seu maior e mais volumoso desafio estético. Prova disso é que nos últimos anos tem feito exposições em museus e participações em eventos importantes, como a Bienal de Arte em SP, no Ibirapuera, em 2016. No mesmo ano, foi considerado pelo jornal O GLOBO o nome da arte visual no Brasil, tendo sido premiado com outros nomes no campo artístico.

Um importante registro: o papel de destaque reservado para sua parceira de vida e de projeto artístico, Regina Pouchain. Esta, além das parcerias com o poeta, desenvolve projetos autorais de fotopoemas, em carreira individual. Exemplo disso é o livro *Provenientes do azul*, lançado em 2015.

Sua técnica de trabalho se diferencia da de Wladimir. Ela parte da fotografia detalhada que se plasma em corpos policromados e, muitas vezes, segmentados para chegar a composições visuais mito-poéticas. A alma feminina respira pelos poros e dá vazão a formação de imagens transcendentais. Seu modo de pensar o poema extrapola a palavra escrita e insurge em novo estatuto poético. O trabalho de escritura é substituído pelo uso de textura fílmica (RAMOS, 2011, p.63).

Quem acompanha a discussão sobre o concretismo e as vanguardas poéticas da segunda metade do século XX, deve conhecer alguns casos rumorosos da aceitação ou rejeição desses movimentos; sobretudo, a partir das últimas quatro décadas. Em São Paulo, a participação decisiva do grupo *Noigrandes*, constituído pelos irmãos Haroldo de Campos, Augusto de Campos e o parceiro Décio Pignatari fincou raízes no panorama literário brasileiro. Em Mato Grosso, os nomes de referência da poética visual são de Wladimir Dias-Pino e Silva Freire. Este último, pouco conhecido fora do Estado.

Na tentativa de manter viva a memória desse poeta mato-grossense, importante registrar o trabalho da Fundação Casa Silva Freire², que realiza a cada dois anos um evento denominado Setembro Freire. O último, em 2015, homenageou o escritor Wladimir Dias-Pino. Entre atrações diversas, contou com uma exposição denominada “Cuiabá experimental”, lançamento de livros e o destaque acadêmico ficou para o “Seminário Poéticas de Vanguardas, Resistências, Dissidências”, que durou três dias. Ministrei uma conferência intitulada “Wladimir Dias-Pino e Silva Freire: a vanguarda que surgiu em Mato Grosso de forma intensiva”. Contou com a presença de muitos estudiosos de várias partes do Brasil, do escritor homenageado e da poeta Regina Pouchain, que lançou seu *Provenientes do azul*.

² A Fundação Casa Silva Freire é dirigida por membros da família do poeta (sua esposa, filhas) e da sociedade civil. O evento costuma envolver alunos da rede pública e particular do ensino fundamental, além de universitários da área de Letras e convidados. O site é <http://www.casasilvafreire.org.br/>.



Discorro sobre uma situação bem curiosa. Entre 2007 e 2008, durante meu doutorado, assisti alguns eventos ocorridos em São Paulo, seja na Casa das Rosas – uma bastilha da poesia brasileira –, seja na USP – uma fortaleza canonizada. Dentre outras coisas, por exemplo, ouvi que Haroldo de Campos foi assessor jurídico da Reitoria da USP, por sete anos, e não teria sido chamado, uma vez sequer, para fazer uma fala no curso de Letras. Décio Pignatari, poeta e semiótico, que atuou durante doze anos na ECA (Escola de Comunicações e Arte), igualmente, não teria sido convidado a fazer uma fala no mesmo curso. Seria um caso de censura política, acadêmica ou, simplesmente, desinteresse estético pelos poetas concretos? O curioso é que esses poetas tiveram um tratamento diferente na PUC-SP.

Outra situação: a página da história e da crítica da poética visual no Brasil ainda não está bem resolvida. Sinal disso é que uma das pesquisas mais completas feitas nos últimos anos sobre os poetas concretistas do grupo *Noigandres* tenha sido realizada por um argentino, Gonzalo Aguilar³, e não por um brasileiro. Cito outra publicação digna de menção, vem da UFMG. Trata-se do “Dossiê 50 anos da poesia Concreta”⁴. Além de artigos referentes a cada uma das vanguardas brasileiras, também há a defesa da poesia experimental portuguesa e, pelo menos, a menção ao intensivismo ocorrido em Mato Grosso.

A História da Literatura Brasileira registra que em dezembro de 1956 aconteceu a *Exposição Nacional de Arte Concreta*, no Museu de Arte Moderna de São Paulo e, em fevereiro de 1957, a mesma é transferida para o saguão do Ministério da Educação e Cultura, no Rio de Janeiro. O célebre edifício, um marco da arquitetura de vanguarda, foi realizado segundo projetos de Lúcio Costa e seu grupo, com a participação de Le Corbusier. Os participantes da exposição foram três de cada Estado. Pelo Rio, Ferreira Gullar, Wladimir Dias-Pino e Ronaldo Azeredo. Tinha tudo para dar certo. Era o primeiro movimento que surgia do Brasil para o exterior.

Dentre os participantes cariocas, Ferreira Gullar – falecido em dezembro de 2016 – compareceu com os poemas cartazes de *O Formigueiro* (livro que só seria publicado em 1991) e Wladimir Dias-Pino com parte do que viria a ser uma das suas principais obras experimentais: *Solida*. O livro *A Ave* havia sido lançado no primeiro semestre de 1956.

³ AGUILAR, Gonzalo. *Poesia Concreta Brasileira: As Vanguardas na Encruzilhada Modernista*. São Paulo: EDUSP, 2005.

⁴ *O EIXO E A RODA*: revista de literatura brasileira. Belo Horizonte. 1982. Myriam Corrêa de Araújo Ávila; Marli Fantini Scarpelli; Vera Lúcia Casa Nova & Constância Lima Duarte. ISSN 0102-4809. v. 13, jul. – dez. / 2006.



Durante meu doutorado, no qual trabalhei com poéticas visuais, percebi certo mal-estar quando perguntava às pessoas o que teria levado à implosão do grupo inicial dos poetas concretos. Diferenças políticas, estéticas e/ou pessoais? Após várias respostas, concluí ter sido um pouco de cada coisa. Cito uma tentativa frustrada de promover um encontro de concretistas, no final de 2007. Propus à coordenação do programa de Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa (FFLCH-USP), através da representante discente da pós-graduação, a reunião de três poetas: Augusto de Campos (que nem chegou a ser contatado), pelo grupo paulista; Wladimir Dias-Pino, pelo grupo carioca e o poeta português E. M. Melo e Castro (introdutor da poesia concreta naquele país e depois poesia experimental). Percebi que não seria possível tê-los todos em uma só mesa. Talvez em períodos ou dias diferentes. Concordei com essa possibilidade, mas o evento, infelizmente, acabou não acontecendo. Naquele momento, havia um agravante: um dos participantes teria que vir de Portugal e não veio. Mais tarde descobri que havia problemas maiores do que esse.

No ano de 2016 completou 60 anos do advento do concretismo no Brasil e mais de 50 do poema-processo. Passo a algumas considerações sobre a produção bibliográfica desses autores. Os primeiros livros dos paulistas foram publicados por conta própria e tiveram tiragens limitadas, posteriormente, vários foram reeditados, principalmente *Teoria da poesia concreta: textos críticos e manifestos (1950-1960)*, que teve quatro edições até a presente data (cada uma por editora diferente). Pelo grupo carioca, antes de falecer, Ferreira Gullar era dos mais conhecidos críticos de arte no Brasil. Algumas de suas publicações tiveram reedições. Dentre elas, *Experiência neoconcreta: momento limite da arte: Ferreira Gullar (2007)*, edição bem cuidada publicada pela Cosac Naify. Outra é o seu livro mais vendido: *Poema Sujo*.

No caso do poeta carioca/mato-grossense Wladimir Dias-Pino ainda há muita coisa a se descobrir a respeito de sua imensa obra. Por isso, reafirmo o que disse em minha tese de doutorado, intitulada *Vanguardas poéticas em permanência: a revalidação de Wladimir Dias-Pino e Silva Freire*:

há um duplo desafio para este estudo: propor uma revalidação poética de uma vanguarda que surgiu em Mato Grosso e também discutir a historiografia literária a partir da refutação do cânone da centralidade. É preciso torcer o cânone para outros focos e espaços (RAMOS, 2011, p.16).

Começo pela obra *A ave*, que inaugura a categoria de livro de artista. Ela “é possivelmente o primeiro livro de artista brasileiro pleno, que se autocomenta, concebido e



executado integralmente por um único artista, dependente da seqüencialidade das páginas e inadaptável para outros meios” (SILVEIRA, 2008, p.177). O mesmo estudioso esclarece que:

As obras de Pino estão situadas numa zona de interseção múltipla. [...] Sua vida cultural é um ponto equidistante entre as artes gráficas, as artes plásticas e a poesia, [...] Profundamente ligado à poesia concreta, primeiro, e depois com o poema-processo, seu envolvimento parece ser ainda mais profundo com a visualidade e o critério que envolvem o propósito e o gesto de publicar (ibid. 2008, p.177).

A respeito desse autor, trata-se de um poeta que teve e ainda tem um comportamento artístico e estético de vanguarda. Liderou o movimento Poema-processo pelo qual defendia que não deveria ter líderes. Não por acaso saiu de cena antes que se formassem enquanto tal. Talvez, frustrado com a experiência recente de vaidades enfrentadas durante o concretismo. Oficialmente, o poema-processo começou em 1967 e terminou em 1972, concomitantemente no antigo Estado de Guanabara e Rio Grande do Norte; porém tiveram, além desses estados, participantes de Mato Grosso, Minas Gerais, Pernambuco, Bahia e Espírito Santo. Os principais teorizadores são: Wladimir Dias-Pino, Álvaro de Sá, Neide de Sá e Moacyr Cirne. O livro *Processo: linguagem e comunicação*⁵, de autoria de Dias-Pino, é a obra que melhor expressa o ideário de cerca de 50 poetas reunidos em um único volume.

Wladimir Dias-Pino nasceu na cidade do Rio de Janeiro, em 1927; porém em 1936 acompanhou a família transferida para Mato Grosso. O pai, anarquista, tipógrafo da Imprensa Nacional, buscou asilo na província. Cedo aprendeu a ter um completo domínio sobre as artes gráficas e descobriu as formas geométricas de forma encantatória, ao observar e juntar retalhos de tecidos, sobras do material de trabalho de sua mãe.

Começou a escrever muito cedo. Em 1940, publicou *A fome dos lados*, poema em forma de livro que se abre na vertical e, em 1941, *A máquina que ri*, explorando a horizontalidade da página branca. Em 1948, *Dia da Cidade*, livro-poema que espacializa as palavras e os versos que o compõe e que, segundo mencionou em entrevista a Paulo Silveira, em 1999, teria sido a obra que o ajudou a pensar o livro *A Ave* (impresso em 1955 e publicado em 1956).

⁵ DIAS-PINO, Wladimir. *Processo: linguagem e comunicação*. Petrópolis: Vozes, 1971. (208 páginas não numeradas; segunda edição ampliada em 1973, inserida na coleção Comunicação Visual, contendo 320 páginas não numeradas).



Sérgio Dalate⁶, um dos maiores estudiosos da poesia de Wladimir, procurou demonstrar que “no início dos anos 40, um jovem escritor da província cuiabana produziu textos diretamente influenciados pela arte poética de Mallarmé⁷”.

Dalate, investigando a produção do poeta, considerada em sua primeira fase, tenta reconstruir os principais momentos trilhados pelo autor,

empenhado em realizar um tipo específico de poesia que perde gradualmente os suportes de uma escritura fundada na lírica moderna e abandona, em seguida, o código verbal para atingir a construtividade pura, de acordo com as formas preconizadas pela arte concreta, evidenciando uma concepção poética em que o poema se afasta do campo da literatura e passa a integrar o universo mais amplo da arte visual (Ibid, p.11).

Antes de publicar *A Ave*, Dias-Pino publicou *Os Corcundas* (1954) e *A máquina ou a coisa em si* (1955). Sobre esses últimos livros, há estudos aprofundados de Augusto de Campos, Álvaro de Sá, Neide de Sá, Antonio Sérgio Mendonça. Posteriormente, Philadelpho Menezes, Décio Galvão, Paulo Silveira, entre outros. O fato dos seus livros não terem sido reeditados durante muito tempo e a opção do poeta pelo livro de artista – prática inclusive seguida por Neide de Sá e outros que começaram a mostrar seus trabalhos no final da década de 60 – pode ter contribuído pela demora de parte da crítica acadêmica em reconhecer devidamente o trabalho desse autor.

Disse ele: “Eu nunca fiz questão de lançar outra edição (de *A Ave*) porque o interessante para mim não era que a pessoa encontrasse o livro pronto. (...) é preferível que ele leia a estrutura do livro e reconstrua o processo” (Apud CAMARA, 2015, p.13).

Curiosamente, as obras basilares do poema-processo foram produzidas bem próximas à eclosão do movimento concretista. E Dias-Pino faz questão de afirmar que *A Ave* é um livro intensivista (movimento criado por ele em Cuiabá), obra que teve várias versões. Uma das fontes que tive contato na internet foi da página <http://www.lambuja.blogspot.com/>, organizada pela poeta e fotógrafa Regina Pouchain, no Rio de Janeiro. Anos mais tarde, tive acesso a página <http://www.encyclopediavisual.com>, que tem a organização de Rogério Camara (UNB), um belíssimo trabalho de pesquisa. Além do site, destaco a publicação do livro *Poesia/poema: Wladimir Dias-Pino* (2015), tendo como organizadores Rogério Camara e Priscilla Martins. Esta publicação foi vencedora de um prêmio nacional da FUNARTE

⁶ Professor da UFMT, faleceu alguns meses antes da defesa final do seu doutorado. *A escritura do silêncio: uma poética do olhar em Wladimir Dias Pino* é o título da Dissertação de Mestrado defendida em 1997, na UNESP-Assis, sob a orientação do Prof. Dr. Luiz Roberto Velloso Cairo.

⁷ Dalate, 1997, p.10.



(Fundação Nacional de Arte) e Ministério da Cultura. Sem dúvida alguma, essa publicação, juntamente com outra citada no começo deste artigo, *Wladimir Dias-Pino* (2010), vem suprir uma lacuna que era justamente a falta de livros físicos acerca de obras anteriores do autor.

A saber: o poeta produziu uma trilogia concretista: *A Ave* (1956), *Solida* (1962) e *Numéricos* (1986). Para se ter uma ideia do perigo em “tentar rotular” a obra de Dias-Pino, no site <http://www.encyclopediavisual.com> Rogério Camara também caracteriza como trilogia. No entanto, no livro *Wladimir Dias-Pino* (2010), organizado pelo poeta, *Numéricos*, resultado de trabalhos entre 1960 e 1961, vem como Pós-concretismo. A complexidade desse último livro da trilogia é tamanha que Álvaro de Sá, um dos teóricos do Poema-Processo, chegou a fazer um “roteiro de leitura” (crítica), publicado em 1969.

Acerca de dois dos livros da trilogia, reproduzo as indagações iniciais do primeiro parágrafo do texto “O mais simples poema a ver: AVE e SOLIDA”: “Um poema precisa de uma chave para ser lido? O que o desenho de uma palavra, de um verso pode produzir? O poema precisa significar? Comunicar?” (Vera Casa Nova, apud WLADEMIR DIAS-PINO, s/n). Evidentemente, não se trata apenas de um “sim” ou de um “não”. A questão é treinar o olhar para o poema visual.

Sobre os mesmos livros, assim se expressou Philadelpho Menezes:

Wladimir Dias-Pino criou, nesses trabalhos, uma vertente própria dentro da poesia concreta, distinta da poética do grupo paulista, vindo a influenciar todas as manifestações posteriores, como a poesia semiótica, o Poema//Processo e parcela do que se convencionou chamar “poesia visual” dos anos 1970/1980 (...) (apud WLADEMIR DIAS-PINO, s/n).

Chego próximo ao final deste artigo e retorno ao título “O livro de artista no Brasil e Wladimir Dias-Pino: o sequestro do Concretismo produzido em Mato Grosso”. O que foi feito com Gregório de Matos, segundo visão crítica de Haroldo de Campos, de certa forma foi feito (ou pelo menos se tentou fazer) com Wladimir Dias-Pino como concretista. Afinal, ele foi um dos seis fundadores do concretismo no Brasil. E parte considerável da crítica, ainda hoje, insiste em destacar apenas os trabalhos dos componentes do grupo Noigandres, como se o concretismo se resumisse a eles. Depois que conheci o livro *Metacrítica de Augusto de Campos*⁸, escrito por Álvaro de Sá e Neide de Sá, que teria exigido cerca de um ano e meio de trabalho dos dois,

⁸ No referido livro os autores mostram e comentam as versões escritas por Augusto de Campos de dois artigos publicados no Suplemento Literário do Estado de São Paulo, em 1966. Depois de reconhecer o valor de WDP nos referidos artigos, em 1978, ao publicar o livro *Poesia, Anti poesia, Antropofagia*, nele inseriu um capítulo denominado “Poesia e/ou Pintura”, uma mudança de postura estética em relação ao ex-participante do movimento concretista e, posteriormente, organizador do poema-processo.



entendo perfeitamente ser compreensível a atitude de afastamento completo do poeta para com os componentes do grupo paulista.

Distanciado dos fatos históricos, acredito que o que causou o rompimento do núcleo inicial de paulistas e cariocas concretistas foi a luta pelo poder. Um grupo se autodenominou porta-voz oficial do movimento. O outro, tendo ficado à margem do processo, não se conformou com a postura do primeiro. Resultado: cisão. Primeiramente, o neoconcretismo; posteriormente, o poema-processo.

De certa forma, o fim do concretismo foi bom para todos. Cada um seguiu seu próprio rumo. Haroldo de Campos com a publicação de *Galáxias* (1984), explorou os limites da poesia e da prosa, trabalhos escritos e publicados entre 1963 a 1976, depois se firmou como crítico e tradutor; Augusto de Campos com *Viva Vaia: poesia (1949-1979)* (1979), suas intervenções poéticas pela cidade de São Paulo e o último livro, *Outro* (2015), soa como uma bela despedida; Décio Pignatari com *Poesia pois é poesia: 1950-2000* (2004) e sua carreira de professor, tradutor, publicitário. Todos eles tiveram sua importância. Faltava corrigir o erro histórico. E Wladimir Dias-Pino, aos 90 anos, parece que resolveu atender ao seu leitor e até mesmo aos estudiosos. Some-se a isso sua disposição de continuar a produzir incessantemente. Agora não mais com sequestro de sua obra e do seu nome. As sequelas ficaram para trás. A sua obra é seu legado.

Referências

- AGUILAR, Gonzalo. **Poesia Concreta Brasileira: As Vanguardas na Encruzilhada Modernista**. São Paulo: EDUSP, 2005.
- CAMPOS, Haroldo de. **O sequestro do barroco na formação da literatura brasileira: o caso Gregório de Matos**. São Paulo: Iluminuras, 2011.
- DALATE, Sérgio. **A escritura do silêncio: uma poética do olhar em Wladimir Dias Pino**. Mestrado. Área de concentração: Literaturas de Língua Portuguesa. 121p. UNESP-Assis, 1997.
- DIAS-PINO, Wladimir. **Wladimir Dias-Pino**. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2010.
- _____. **Numéricos**. Rio de Janeiro: Tipo, 1986.
- _____. **Processo: linguagem e comunicação**. Petrópolis: Vozes, 1971. (208 páginas não numeradas; segunda edição ampliada em 1973, inserida na coleção Comunicação Visual, contendo 320 páginas não numeradas).



_____. **Solida**. 2. ed. Cuiabá: Igrejinha, 1962.

_____. **A Ave**. Cuiabá: Igrejinha, 1956.

O EIXO E A RODA: revista de literatura brasileira. Belo Horizonte. 1982. Myriam Corrêa de Araújo Ávila; Marli Fantini Scarpelli; Vera Lúcia Casa Nova & Constância Lima Duarte. ISSN 0102-4809. v. 13, jul. – dez. / 2006.

POESIA/POEMA: WLADEMIR DIAS-PINO. (Orgs.) Rogério Camara; Priscilla Martins. Brasília: Estereográfica, 2015.

POUCHAIN, Regina. **Provenientes do azul**. Rio de Janeiro: Sinal, 2015.

RAMOS, Isaac Newton Almeida. **Vanguardas poéticas em permanência: A revalidação de Wlademir Dias-Pino e Silva Freire**. Tese de Doutorado. Área de concentração: Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa. São Paulo: FFLCH-USP, 2011.

SÁ, Álvaro de & SÁ, Neide de. **Metacrítica de Augusto de Campos**. Parnarama-PI: Lava-Roupa, 1979.

SARÃ. n. I ao VII. Cuiabá, 1951/1952.

SILVEIRA, Paulo. **A página violada: da ternura à injúria na construção do livro de artista**. 2.ed. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2008.